

O skate como prática educativa e psicossocial: Um relato de experiência com crianças e adolescentes em contexto de projeto social

Skateboarding as an educational and psychosocial practice: An experience report with children and adolescents in a social project context

El skate como práctica educativa y psicosocial: Un relato de experiencia con niños y adolescentes en un proyecto social

Recebido: 06/03/2026 | Revisado: 09/03/2026 | Aceitado: 09/03/2026 | Publicado: 10/03/2026

Cristiane Dourado Stieler

ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-8502-6768>

Faculdade Unintese, Brasil

E-mail: cristianedouradostieler@gmail.com

Carmem Regina dos Santos Ferreira

ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-8509-5431>

Faculdade Unintese, Brasil

E-mail: kaca100@hotmail.com

Pedro Stieler

ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-9237-178X>

Faculdade Unintese, Brasil

E-mail: pedro.stieler@unintese.com

Resumo

Práticas esportivas desenvolvidas em projetos sociais têm sido reconhecidas como espaços relevantes de formação educativa e psicossocial, especialmente no trabalho com crianças e adolescentes em contextos de vulnerabilidade social. Entre essas práticas, o skate destaca-se por sua configuração singular, marcada pela experimentação corporal, pela convivência entre pares e pela aprendizagem a partir do erro, sendo compreendido também como prática cultural e identitária no contexto juvenil. Este artigo objetiva apresentar um relato de experiência com análise interpretativa, desenvolvido a partir da inserção em um projeto social de skate voltado a crianças e adolescentes. A pesquisa adota abordagem qualitativa, com observação participante e registros em diário de campo, analisados à luz de referenciais da Psicologia do Desenvolvimento, da Psicologia do Esporte e da Educação não formal. As situações observadas indicam que o skate atua como mediador de vínculos, favorece a elaboração emocional diante da frustração e se associa à construção de sentimentos de pertencimento e reconhecimento, aspectos recorrentes em estudos sobre esporte e desenvolvimento social. Evidencia-se, ainda, o papel central dos educadores na sustentação de um ambiente seguro e formativo, no qual o erro é integrado ao processo de aprendizagem. A experiência analisada permite refletir sobre o potencial do skate como prática educativa e psicossocial em projetos sociais, ressaltando a importância do acompanhamento contínuo e da intencionalidade pedagógica.

Palavras-chave: Skate; Projetos sociais; Desenvolvimento socioemocional; Educação não formal; Infância e Juventude.

Abstract

Sports practices developed within social projects have been recognized as relevant spaces for educational and psychosocial formation, especially in working with children and adolescents in contexts of social vulnerability. Among these practices, skateboarding stands out due to its unique configuration, marked by bodily experimentation, peer interaction, and learning through trial and error, while also being understood as a cultural and identity practice within youth contexts. This article aims to present an experience report with an interpretative analysis, developed from the immersion in a social skateboarding project for children and adolescents. The research adopts a qualitative approach, utilizing participant observation and field diary records, analyzed through the lenses of Developmental Psychology, Sport Psychology, and non-formal education. The observed situations indicate that skateboarding acts as a mediator for social bonds, favors emotional processing in the face of frustration, and is associated with the building of feelings of belonging and recognition recurrent aspects in studies on sports and social development. Furthermore, the central role of educators is highlighted in maintaining a safe and formative environment where mistakes are integrated into the learning process. The analyzed experience allows for a reflection on the potential of skateboarding

as an educational and psychosocial practice in social projects, emphasizing the importance of continuous monitoring and pedagogical intentionality.

Keywords: Skateboarding; Social projects; Socioemotional development; Non-formal education; Childhood and Adolescence.

Resumen

Las prácticas deportivas desarrolladas en proyectos sociales han sido reconocidas como espacios relevantes de formación educativa y psicosocial, especialmente en el trabajo con niños, niñas y adolescentes en contextos de vulnerabilidad social. Entre estas prácticas, el skate se destaca por su configuración singular, marcada por la experimentación corporal, la convivencia entre pares y el aprendizaje a partir del error, siendo comprendido también como una práctica cultural e identitaria en el contexto juvenil. Este artículo tiene como objetivo presentar un relato de experiencia con análisis interpretativo, desarrollado a partir de la inserción en un proyecto social de skate dirigido a la infancia y adolescencia. La investigación adopta un enfoque cualitativo, con observación participante y registros en diario de campo, analizados a la luz de referentes de la Psicología del Desarrollo, la Psicología del Deporte y la educación no formal. Las situaciones observadas indican que el skate actúa como mediador de vínculos, favorece la elaboración emocional ante la frustración y se asocia a la construcción de sentimientos de pertenencia y reconocimiento, aspectos recurrentes en estudios sobre deporte y desarrollo social. Se evidencia, además, el papel central de los educadores en el sostenimiento de un ambiente seguro y formativo, en el cual el error se integra al proceso de aprendizaje. La experiencia analizada permite reflexionar sobre el potencial del skate como práctica educativa y psicosocial en proyectos sociales, resaltando la importancia del acompañamiento continuo y de la intencionalidad pedagógica.

Palabras clave: Skate; Proyectos sociales; Desarrollo socioemocional; Educación no formal; Infancia y Adolescencia.

1. Introdução

Nas últimas décadas, práticas esportivas têm sido progressivamente reconhecidas como dispositivos educativos e psicossociais capazes de promover o desenvolvimento integral de crianças e adolescentes, especialmente em contextos marcados por vulnerabilidade social. Para além do desempenho físico, o esporte tem se consolidado como espaço de aprendizagem relacional, construção de vínculos, elaboração emocional e fortalecimento de habilidades sociais, assumindo papel relevante em políticas públicas voltadas à infância e à juventude.

Entre essas práticas, o skate destaca-se por sua configuração singular. Historicamente associado a movimentos de contracultura e marginalização, o skate passou por um processo de esportivização e legitimação social nas últimas décadas, permitindo sua inserção em espaços formais de ensino (Brandão, 2008).

Diferente dos esportes coletivos tradicionais, regidos por regras rígidas e competição direta, o skate configura-se como uma prática de “estilo de vida” (*lifestyle sport*). Segundo Beal e Weidman (2003) e Wheaton (2013), essa modalidade oferece aos jovens uma forma alternativa de construção identitária, baseada na expressão individual, na criatividade e no pertencimento a um grupo coeso, elementos essenciais para a retenção de adolescentes em projetos sociais.

O skate estrutura-se a partir da autonomia, da experimentação corporal, da convivência entre pares e da superação progressiva de desafios individuais. Estudos recentes indicam que essa modalidade favorece processos de autorregulação emocional, persistência diante do erro e fortalecimento da autoestima, sobretudo quando desenvolvida em ambientes educativos mediados por adultos sensíveis e preparados (OMS, 2024; UNICEF, 2024).

No campo da Psicologia do Desenvolvimento, a literatura aponta que experiências corporais mediadas por relações de cuidado contribuem significativamente para o desenvolvimento socioemocional. Bronfenbrenner (1996), destaca que o crescimento saudável ocorre em contextos nos quais a criança estabelece interações estáveis com adultos envolvidos afetivamente. Nessa perspectiva, projetos esportivos de caráter social podem constituir microssistemas potentes de desenvolvimento, desde que organizados de modo a favorecer vínculos, escuta e acompanhamento contínuo.

No contexto brasileiro, iniciativas que articulam esporte, educação não formal e políticas públicas têm ganhado visibilidade, especialmente como estratégias de prevenção a situações de risco e exclusão social. Relatórios recentes do IPEA

(2025) e documentos ministeriais reforçam a importância de projetos territoriais que promovam pertencimento, disciplina compartilhada e construção de trajetórias positivas para crianças e adolescentes.

É nesse cenário que se insere o presente estudo, desenvolvido a partir de um projeto social de skate voltado a crianças e adolescentes. A experiência analisada permite compreender o skate como uma prática que ultrapassa o campo esportivo, assumindo também um papel educativo e psicossocial, ao mobilizar dimensões emocionais, relacionais e comportamentais no cotidiano dos participantes. Este artigo objetiva apresentar um relato de experiência com análise interpretativa, desenvolvido a partir da inserção em um projeto social de skate voltado a crianças e adolescentes.

2. Metodologia

A investigação desenvolvida insere-se no campo das pesquisas descritivas e qualitativas (Pereira et al., 2018; Risemberg et al., 2026) e assume a forma de um relato de experiência (Gaya & Gaya, 2018; Barros, 2024) com análise interpretativa. Tal opção metodológica decorre da natureza do fenômeno examinado, uma vez que o estudo se concentra em práticas educativas e psicossociais vivenciadas no cotidiano de um projeto social de skate, envolvendo crianças e adolescentes. Trata-se de um campo atravessado por relações, afetos e interações construídas ao longo do tempo, cujos sentidos se constituem na experiência e não se deixam capturar por procedimentos de mensuração ou protocolos padronizados.

A abordagem qualitativa mostra-se pertinente quando o interesse recai sobre processos sociais complexos e situados, nos quais os significados atribuídos pelos sujeitos às experiências vividas ocupam lugar central. Conforme discutem Minayo (2014) e Lüdke e André (1986), esse tipo de investigação favorece uma aproximação mais sensível do pesquisador em relação ao campo, permitindo a análise de dimensões simbólicas, relacionais e contextuais que estruturam as práticas sociais observadas.

O estudo foi desenvolvido a partir da participação dos pesquisadores em um projeto social de skate voltado a crianças e adolescentes, realizado em contexto comunitário. A inserção no projeto possibilitou o acompanhamento direto das atividades e das interações estabelecidas entre participantes, educadores e o espaço da prática esportiva. Essa posição no campo caracteriza a pesquisa como observação participante, na medida em que os pesquisadores integraram o cotidiano investigado, compartilhando experiências e acompanhando os processos em curso (Gil, 2008).

A produção dos dados ocorreu por meio de registros sistemáticos em diário de campo, elaborados ao longo do desenvolvimento do projeto. Esses registros contemplaram situações recorrentes, episódios considerados significativos, reações dos participantes e percepções construídas a partir da convivência cotidiana. Foram anotados tanto aspectos objetivos das atividades, quanto elementos relacionados às dinâmicas emocionais, às formas de vínculo e às estratégias mobilizadas pelas crianças e adolescentes diante dos desafios presentes na prática do skate.

O material registrado no diário de campo foi submetido a um processo de análise interpretativa orientado pelos princípios da análise de conteúdo, conforme a proposta de Bardin (2016). Esse percurso envolveu leituras sucessivas dos registros, identificação de núcleos de sentido recorrentes e organização do material em eixos temáticos. A construção desses eixos resultou do diálogo entre o material empírico e o referencial teórico mobilizado ao longo do estudo, sem a pretensão de generalização, mas com atenção à densidade e à singularidade das experiências analisadas.

A interpretação dos dados foi realizada em articulação com a literatura das áreas de Psicologia do Desenvolvimento, Psicologia do Esporte e Educação não formal. Essa interlocução possibilitou inscrever as experiências observadas em um campo teórico mais amplo, favorecendo reflexões sobre o skate enquanto prática educativa e psicossocial, bem como acerca de suas possibilidades e limites no contexto de projetos sociais voltados à infância e à juventude.

No que diz respeito aos aspectos éticos, a pesquisa foi conduzida com base em princípios de cuidado,

responsabilidade e proteção dos sujeitos envolvidos. Considerando o caráter de relato de experiência e a ausência de identificação direta dos participantes, optou-se pela preservação integral do anonimato das crianças, dos adolescentes e do território em que o projeto foi desenvolvido. As situações descritas foram apresentadas de modo a evitar qualquer possibilidade de reconhecimento individual, em consonância com as diretrizes éticas aplicáveis a pesquisas em contextos sociais e educativos.

3. Resultados e Discussão

A análise dos dados coletados durante os 12 meses de intervenção no projeto social, revela que a prática do skate transcende a aquisição de habilidades motoras, configurando-se como uma ferramenta pedagógica de desenvolvimento integral. Ao contrário de abordagens tradicionais focadas exclusivamente na técnica, o projeto evidenciou que o ambiente da pista atua como um espaço de mediação de conflitos internos e externos.

Sob a ótica do desenvolvimento motor, observou-se uma evolução significativa no equilíbrio e na propriocepção dos praticantes. Movimentos que inicialmente geravam insegurança, como a permanência sobre o skate em movimento, foram progressivamente dominados. Esta análise corrobora Santos (2017), que destaca o impacto positivo do skate na coordenação motora grossa e fina de crianças e jovens, atuando diretamente na melhoria do repertório motor e na consciência corporal em fase de crescimento.

No entanto, os resultados mais expressivos situam-se na dimensão psicossocial, especificamente na gestão do risco e da frustração. A queda, inerente à prática do skate, deixou de ser vista pelos participantes como falha e passou a ser compreendida como etapa do aprendizado. Oliveira e Pimentel (2015) argumentam que essa relação com o risco controlado é fundamental para a construção da resiliência e da autonomia, elementos que, segundo os dados observados, foram transferidos para outras esferas da vida escolar dos participantes.

3.1 A vivência da frustração e o vínculo afetivo: um estudo de caso

Um episódio específico ilustra a potência do skate como catalisador de processos emocionais que, muitas vezes, permanecem latentes em sala de aula. Durante as observações, destacou-se o caso do participante "J", que apresentava histórico recente de luto familiar devido à perda da mãe. O relatório de campo registrou que, após falhar repetidamente na execução de uma manobra de virada, a criança interrompeu a prática e sentou-se na rampa, chorando ao verbalizar sua incapacidade.

A intervenção educador neste momento rompeu com a lógica estritamente esportiva. O professor não exigiu a retomada imediata da técnica, mas ofereceu suporte afetivo, permanecendo ao lado do participante até que ele se sentisse seguro para tentar novamente. Este acolhimento gerou resultados que extrapolaram a aula: a avó do participante relatou posteriormente que a participação no projeto, aliada ao acompanhamento psicológico, foi decisiva para que a criança superasse o retraimento social severo que apresentava.

O envolvimento da comunidade escolar e familiar, observado durante as atividades, remete ao conceito de capital social discutido por Putnam (2000). Para o autor, redes de engajamento cívico e confiança mútua são fundamentais para o desenvolvimento comunitário. O projeto, ao promover a interação entre alunos, professores e familiares na pista, atua justamente no fortalecimento desses laços sociais, combatendo o isolamento e a vulnerabilidade.

Este dado empírico reforça a perspectiva de Armbrust e Lauro (2010), que defendem o skate na escola como conteúdo procedimental, mas também, como possibilidade educacional que dialoga com a subjetividade do aluno. O projeto funcionou, portanto, como uma rede de apoio (social e afetiva), onde o erro foi acolhido e a superação respeitou o tempo individual do sujeito, validando a prática esportiva como espaço de re-humanização em contextos de vulnerabilidade.

3.2 Skate, vínculo e pertencimento no cotidiano do projeto

Desde os primeiros encontros, tornou-se perceptível que o skate atua como mediador de aproximação entre as crianças e adolescentes participantes. O espaço da prática, inicialmente marcado por curiosidade e certa hesitação, gradualmente passa a configurar um lugar de convivência, reconhecimento mútuo e construção de vínculos. A permanência no projeto está relacionada à experiência compartilhada construída entre participantes e educadores, que vai além do interesse inicial pela prática esportiva.

A dinâmica da prática favorece interações horizontais, nas quais o aprendizado se constrói tanto pela observação quanto pela troca entre pares. Crianças com maior familiaridade com o skate frequentemente auxiliam aquelas que estão iniciando, oferecendo orientações espontâneas e incentivo diante das dificuldades. Nesse processo, o erro deixa de ocupar um lugar de fracasso e passa a ser incorporado como parte do percurso de aprendizagem, contribuindo para o fortalecimento do sentimento de pertencimento ao grupo. Essa dinâmica encontra ressonância em estudos que abordam práticas educativas capazes de sustentar vínculos e engajamento em contextos não formais (UNICEF, 2024).

Sob a perspectiva do desenvolvimento humano, as relações observadas assumem relevância particular. Bronfenbrenner (1996), destaca que ambientes nos quais a criança estabelece interações regulares e significativas com adultos e pares funcionam como micro sistemas fundamentais para o desenvolvimento. No contexto analisado, o projeto de skate passa a ocupar esse lugar, oferecendo um espaço relativamente estável, no qual as crianças se sentem reconhecidas, escutadas e legitimadas em suas singularidades.

3.3 Aprender com o erro: frustração, persistência e autorregulação emocional

Outro aspecto recorrente diz respeito à forma como crianças e adolescentes lidam com o erro e a frustração durante a prática do skate. A modalidade envolve quedas frequentes, tentativas repetidas e avanços graduais, o que expõe os participantes a situações de tensão emocional. Ao longo das atividades, foram observadas reações como irritação, desânimo e, em alguns momentos, o desejo de abandonar a tentativa após sucessivos insucessos.

Com o tempo, no entanto, essas reações tendem a se reorganizar, especialmente quando as crianças percebem apoio, incentivo e ausência de cobranças excessivas. A permanência no projeto e o acompanhamento atento dos educadores favorecem a elaboração dessas emoções, permitindo que a frustração inicial dê lugar à persistência. O processo de aprender a cair, levantar e tentar novamente contribui para o desenvolvimento da autorregulação emocional, exigindo controle da ansiedade, tolerância ao erro e capacidade de retomada.

Esse movimento dialoga com discussões da Psicologia do Esporte que ressaltam o papel de práticas corporais mediadas por relações de cuidado no desenvolvimento emocional de crianças e adolescentes (OMS, 2024). Ao invés de evitar o erro, o projeto cria condições para que ele seja vivido, nomeado e ressignificado, o que repercute de forma positiva na construção da confiança e da autoestima.

3.4 A relação educador–criança como elemento estruturante da experiência

As observações realizadas ao longo do projeto indicam que a atuação dos educadores ocupa lugar fundamental na forma como as crianças se relacionam com o skate e com o próprio espaço educativo. Mais do que transmitir técnicas, os educadores assumem uma função de referência, mediando conflitos, acolhendo frustrações e estabelecendo limites por meio do diálogo. Essa postura contribui para a constituição de um ambiente no qual as crianças se sentem seguras para tentar, errar e aprender.

Em situações de conflito ou comportamento impulsivo, as intervenções priorizam a escuta e a orientação, evitando respostas punitivas imediatas. Tal condução favorece a construção de acordos coletivos e a internalização de regras

compartilhadas, fortalecendo a autonomia e a responsabilidade dos participantes. Estudos sobre educação não formal indicam que relações pedagógicas sustentadas pela proximidade e pelo acompanhamento contínuo ampliam as possibilidades de aprendizagem em projetos sociais (IPEA, 2025).

A presença de adultos comprometidos, atentos às necessidades emocionais das crianças, reforça o potencial do projeto enquanto espaço de proteção e desenvolvimento. Nesse sentido, a experiência observada confirma que a qualidade das relações estabelecidas no cotidiano exerce influência decisiva sobre os sentidos atribuídos à prática esportiva.

3.5 Skate como prática educativa e psicossocial em projetos sociais

A análise do conjunto das situações observadas permite compreender o skate como prática que articula dimensões corporais, emocionais e relacionais. No contexto do projeto, a atividade esportiva deixa de ocupar um lugar exclusivamente recreativo e passa a integrar um processo educativo mais amplo, no qual valores como cooperação, respeito, persistência e cuidado são vivenciados no cotidiano.

Relatórios institucionais recentes destacam a importância de projetos esportivos sociais que operam a partir da construção de vínculos e do fortalecimento de trajetórias positivas de desenvolvimento, especialmente em territórios marcados por desigualdades sociais (Brasil, 2024). As experiências analisadas dialogam com essas diretrizes ao mostrar como o skate pode funcionar como espaço de pertencimento e elaboração emocional para crianças e adolescentes.

Ao mesmo tempo, a experiência observada evidencia que o potencial educativo do skate não se realiza de maneira automática. Ele depende de acompanhamento contínuo, intencionalidade pedagógica e sensibilidade por parte dos educadores envolvidos. Na ausência desses elementos, a prática corre o risco de se reduzir a uma ocupação pontual do tempo, esvaziada de densidade educativa e psicossocial.

4. Conclusão

A experiência analisada ao longo deste estudo permite refletir sobre o skate como prática que ultrapassa a dimensão esportiva e se inscreve no campo das ações educativas e psicossociais voltadas à infância e à juventude. Ao acompanhar o cotidiano de um projeto social, tornou-se possível observar como a prática do skate se articula a processos de construção de vínculos, elaboração emocional e reconhecimento, especialmente em contextos nos quais crianças e adolescentes carecem de espaços de pertencimento e escuta.

As situações vivenciadas no projeto revelam que o potencial educativo do skate se constrói no encontro entre a atividade corporal e a qualidade das relações estabelecidas. A aprendizagem das manobras, marcada por tentativas sucessivas, quedas e retomadas, configura uma experiência concreta de persistência e autorregulação emocional, em consonância com estudos sobre motivação intrínseca e engajamento no esporte (Deci & Ryan, 2000; Gould & Carson, 2008). Esse processo ganha densidade quando mediado por educadores atentos às dimensões afetivas envolvidas, capazes de sustentar um ambiente no qual o erro é acolhido como parte do percurso e não como falha a ser evitada.

A análise também evidencia o papel fundamental dos educadores na configuração do projeto como espaço formativo. A atuação pautada pela escuta, pelo diálogo e pela mediação de conflitos contribui para a construção de um ambiente seguro, no qual crianças e adolescentes se sentem legitimados em suas singularidades, perspectiva alinhada às abordagens pedagógicas críticas e relacionais (Freire, 1996; Charlot, 2000). Essa presença adulta, consistente e comprometida, aproxima-se da compreensão de que o desenvolvimento humano se organiza em contextos relacionais estáveis, nos quais o cuidado e a atenção cotidiana exercem função estruturante.

Ao situar o skate como prática educativa em projetos sociais, o estudo dialoga com debates contemporâneos sobre

políticas públicas voltadas à infância e à juventude, especialmente aquelas que reconhecem o esporte como estratégia de promoção de desenvolvimento integral. A experiência analisada aponta que iniciativas dessa natureza adquirem sentido quando articuladas a uma proposta pedagógica clara e a um acompanhamento contínuo, evitando que a atividade se reduza a uma ocupação pontual do tempo.

Por fim, reconhece-se que o caráter situado da experiência analisada impõe limites à sua generalização. Ainda assim, as reflexões desenvolvidas oferecem subsídios para pensar o lugar de práticas corporais e esportivas em projetos sociais, destacando a importância de abordagens que considerem, de forma integrada, corpo, emoção e relação. Estudos futuros podem aprofundar essa discussão por meio de investigações em outros contextos e com diferentes metodologias, ampliando a compreensão sobre o papel do esporte na construção de trajetórias de desenvolvimento mais sensíveis e inclusivas, conforme apontam análises recentes sobre saúde, bem-estar e políticas públicas (OMS, 2024; IPEA, 2025).

Referências

- Armbrust, I., & Lauro, F. A. A. (2010). O skate e suas possibilidades educacionais. *Motriz: Revista de Educação Física*, 16(3), 799-807.
- Bardin, L. (2016). *Análise de conteúdo*. Edições 70.
- Barros, A. M. D. B. (2024). Manual de trabalhos acadêmico-científicos: relato de experiência. Nova UBM. <https://www.ubm.br/explorer/arquivos/manual-ubm-relato-de-experi%C3%Aancia.pdf>.
- Beal, B., & Weidman, L. (2003). Authentically cool: Identity, masculinity, and skateboard culture. In R. E. Rinehart & S. Sydnor (Eds.), *To the extreme: Alternative sports, inside and out* (pp. 337–352). State University of New York Press.
- Brandão, L. (2008). Entre a marginalização e a esportivização: elementos para uma história da juventude skatista no Brasil. *Recorde: Revista de História do Esporte*, 1(2).
- Brasil. Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome. (2024). Serviços de acolhimento para crianças e adolescentes: orientações técnicas atualizadas. <https://www.gov.br/mds/pt-br/acoes-e-programas/suas/servicos-de-acolhimento>
- Bronfenbrenner, U. (1996). *A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados*. Artes Médicas.
- Charlot, B. (2000). *Da relação com o saber: elementos para uma teoria*. Artmed.
- Deci, E. L., & Ryan, R. M. (2000). The “what” and “why” of goal pursuits: Human needs and the self-determination of behavior. *Psychological Inquiry*, 11(4), 227–268.
- Freire, P. (1996). *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Paz e Terra.
- Gaya, A. C. A. & Gaya, A. R. (2018). *Relato de experiência: roteiros para elaboração de trabalhos de conclusão de cursos de licenciatura*. Editora CRV
- Gil, A. C. (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social* (6ª ed.). Atlas.
- Gould, D., & Carson, S. (2008). Life skills development through sport: Current status and future directions. *International Review of Sport and Exercise Psychology*, 1(1), 58-78.
- Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - IPEA. (2025). *Projetos sociais, esporte e desenvolvimento humano: evidências e desafios no contexto brasileiro*. <https://www.ipea.gov.br>
- Lüdke, M., & André, M. E. D. A. (1986). *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. EPU.
- Minayo, M. C. S. (2014). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde* (14ª ed.). Hucitec.
- Oliveira, C. G., & Pimentel, G. G. A. (2015). Fatores associados à prática do skate: lazer e risco. *Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte*, 14(2), 110-119.
- Organização Mundial da Saúde - OMS. (2024). *Guidelines on physical activity, mental health and emotional well-being in children and adolescents*. <https://www.who.int>
- Pereira, A. S. et al. (2018). *Metodologia da pesquisa científica*. [free ebook]. Santa Maria: Editora da UFSM.
- Putnam, R. D. (2000). *Bowling alone: The collapse and revival of American community*. Simon & Schuster.
- Risemberg, R. I. C. et al. (2026). A importância da metodologia científica no desenvolvimento de artigos científicos. *E-Acadêmica*, 7(1), e0171675. <https://eacademica.org/eacademica/article/view/675>.

Santos, S. F. (2017). Prática do skate de crianças e jovens e impacto no desempenho motor, social e cognitivo. Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Lume (Repositório Digital da UFRGS).

UNICEF. (2024). Sport for development: Promoting inclusion, well-being and social bonds among children and adolescents. <https://www.unicef.org>

Wheaton, B. (2013). The cultural politics of lifestyle sports. Routledge.